

Mrs. Oswald e Guiomar: as diferentes perspectivas do favor na obra *A mão e a luva*, de Machado de Assis

Mrs. Oswald and Guiomar: The Different Perspectives of the Favor in The Novel *A Mão e a Luva*, by Machado De Assis

Ezequias Silva Santos¹

UTFPR

Resumo: O objetivo deste estudo é observar as diferentes perspectivas da ideologia do favor predominante na sociedade brasileira do século XIX através da obra *A mão e a luva*, de Machado de Assis. Partindo do princípio de que o Brasil oitocentista era marcado pelas fortes tendências patriarcais, nosso intento será analisar as figuras de Mrs. Oswald e de Guiomar, duas personagens femininas, sob a perspectiva de Roberto Reis no que diz respeito à teoria do núcleo e da nebulosa. Nesse sentido, nossas observações levarão em conta a política patriarcal que rebaixava homens livres a um grupo excludente dominado por uma minoria rica. Sub-repticiamente, as figuras de Guiomar e Mrs. Oswald aparecem na margem (pobres) da margem (mulheres), uma vez que não possuem nenhum bem nem pertencem ao círculo familiar patriarcal. Sob esta perspectiva, nossa análise discorrerá a respeito de como vivem essas duas personagens inseridas num contexto social doutrinado pelo homem e pela ideologia cristã do século XIX.

Palavras-chave: Favor; Ideologia; Sociedade; Machado de Assis.

Abstract: The purpose of this article is to observe the differences perspectives of the predominant favor ideology in the Brazilian society of the 19th century through the work *A mão e a luva*, by Machado de Assis. Starting from the principle that the nineteenth century Brazil was impressed by the strong marks of the patriarchal tendency, our intent is to analyze the character of Mrs. Oswald and Guiomar, two female characters, under Roberto Reis' perspective with regard to his theory about the nucleus and the nebula. By this way, our observations will take in account the patriarchal politic that demoted the freemen to a specific excluding group dominated by a rich minority. Surreptitiously, the figure of Guiomar and Mrs. Oswald come up in the marge (poor people) of the marge (women), once they do not own any kind of goods and do not belong to the patriarchal familiar circle neither. By this way of view, our analysis will discuss how these two characters live inserted in a social context indoctrinated by the man and the Christian ideology of the ninety century.

Key-words: Favor; Ideology; Society; Machado de Assis.

Submetido em 24 de dezembro de 2018.

Aprovado em 15 de fevereiro de 2019.

¹ Pesquisador da UTFPR. E-mail: zekyjohnson@hotmail.com

Considerações iniciais

A reclusão da mulher machadiana, lenha para os estudos de Therezinha Mucci Xavier (1994), é um dos assuntos mais tratados nas obras de Machado de Assis. É a mulher sem espaço profissional, sem oportunidades educacionais e fadada a inserção religiosa que caracteriza as personagens femininas do escritor (XAVIER, 2005). Por consequência dessa marginalização das mulheres, percebemos nos romances de Machado uma sociedade patriarcal e escravagista² em que a mulher é subjugada pela prepotência do homem que delibera a si mesmo o poder social e familiar.

Nesse cenário, o convívio entre os pertencentes do mais alto nível da escala social e os homens livres da sociedade oitocentista causa um iminente confronto ideológico, resultando na terminologia *núcleo e nebulosa*³ tão bem aplicada por Roberto Reis na obra *A Permanência Círculo* (1987). É devido a essa ordem patriarcal e senhorial que as personagens femininas de Machado se conservaram nos domínios do lar, abrindo mão de qualquer atividade extrafamiliar, uma vez que o meio social não reconhecia nelas os direitos da comunidade humana. Sob esta perspectiva, Xavier (2005, p. 32) anota que:

Também Machado de Assis não reconheceu às mulheres de seu mundo ficcional o direito de ascender às diversas tarefas públicas. Ele retratou, em seus romances, quer do primeiro quer do segundo conjunto a sociedade do século XIX, estruturado de maneira tal que as mulheres se sentiam constrangidas de trabalhar fora. Daí a reclusão de suas heroínas, levando no lar, pelo menos a maioria, uma vida ociosa.

No entanto, o que se vê nos romances de Machado não são personagens, nas palavras de Alexandra Kollantai (1978, p. 62), “puras e sem vontade”. Ao contrário do que aparecia nas primeiras obras de Alencar, nos romances de Machado as personagens femininas empenham-se, desde o romance *a Mão e a luva* (1874) até *Iaiá Garcia* (1878), último romance da primeira fase de Machado, para encontrar seu espaço social. O mais curioso é observar que não somente suas heroínas o fizeram como também algumas personagens secundárias (livres que viviam de favor) ousaram fantasiar com os primores

² A ideia da sociedade patriarcal e escravagista dá-se a partir dos estudos de Roberto Schwarz na obra *Ao vencedor as Batatas*, (1992)

³ A ordem patriarcal, senhorial e escravocrata se inscreve na esfera do núcleo, terminologia empregada por Roberto Reis, em *A permanência do círculo* (1987), para definir o espaço onde estão aqueles que detêm o poder. O oposto desse espaço privilegiado, ainda segundo o ensaísta, é a chamada nebulosa (ou periferia), lugar onde ficam os desvalidos de todos os naipes da sociedade, os que são dependentes dos que mandam e possuem poder econômico.

de uma vida burguesa que estava totalmente abaixo das expectativas razoavelmente justas que lhes eram oferecidas

E é sobre uma dessas personagens ousadas, fora da curva do ordinário, que falaremos agora. Voltemos, então, nossa atenção para o segundo romance de Machado de Assis, publicado em 1874 que tem por título *A Mão e a Luva*; romance pelo qual iniciamos nossos estudos na complexa personagem de Mrs. Oswald.

O caráter romântico atuante no romance *A Mão e a Luva* faz pouco caso da personagem objeto deste estudo. Embora Mrs. Oswald não tenha um caráter pedante, ela é marcada pelo comportamento subserviente derivado do favor. Além de subsistir em condições características de quem vive na nebulosa, aglutina-se no seu caráter marginalizado de empregada o pouco caso (oriundo de uma sociedade patriarcal), à voz feminina. Xavier (2005, p. 21) atenta para este cuidado na personagem feminina de Machado quando escreve que “a marginalização da personagem feminina Machadiana manifestada em sua ausência da vida política, econômica e social, dá-se em consequência de atavismos culturais: prepotência do homem, educação deficiente etc.”

É relevante observar, nesse ponto, que o favor se apresenta de duas maneiras distintas no romance: em Guiomar, a heroína que não quer sobrepor seu desejo ao da baronesa pois deve sua criação a esta; e em Mrs. Oswald que acolhe-se no favor de modo subserviente. Embora Hélio de Seixas Guimarães, no livro *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura do século 19* (2004), aborde o problema de forma peculiar, mantendo o foco na persona de Guiomar, suas observações abrangem, mesmo que subalternamente, o pensamento abstruso de Mrs. Oswald. O teórico expõe o problema da seguinte forma:

Como fazer seu desejo sobrepor-se ao da baronesa, a quem ela devia tudo? - eis o conflito central de Guiomar e do livro. Por sorte, a matriarca é adepta do “paternalismo esclarecido”, respeitadora da vontade individual dos seus beneficiados; além disso, a protegida da baronesa é dotada de muito “tino e sagacidade” – e de uma boa dose de cálculo – para resolver o impasse. (GUIMARAES, 2004, p. 139).

Percebe-se, no exceto acima, um direcionamento duplo das informações, pois ao mesmo tempo que Guimarães cunha o caráter de Guiomar, descreve a psicologia realista de Mrs. Oswald. É relevante notar que o que é sorte para aquela apresenta-se, quase como contra proposta, como revés para esta. O “paternalismo esclarecido” que subsidia Guiomar incrementa ainda mais para o cenário *recluso* no qual permeia a governanta.

Dessa forma, temos duas personagens socialmente marginalizadas, apadrinhadas pela mesma senhora, disputando pelo favor que julgam merecer.

Observando os apontamentos de Xavier em *A Personagem Feminina no Romance de Machado de Assis* (2005), nota-se que favor se apresenta em diferentes perspectivas. De um lado temos Guiomar, que deve tudo a baronesa inclusive sua criação, e do outro Mrs. Oswald, a imigrante inglesa, também dependente da senhora. Convém observar, porém, que a ideologia do favor difere no que tange ao nível hierárquico e o poder de decisão atribuído ao senhor nesse contexto social.

Por esta linha de pensamento, é pertinente observar que a inglesa “era mulher inteligente e sagaz” (ASSIS, s/d, p. 29). Sua ocupação em casa da baronesa a punha em alto grau de confiança junto à senhora. O narrador anota que “antes da ida de Guiomar para a companhia da madrinha, era Mrs. Oswald a alma da casa” (ASSIS, s/d, p. 29), situação que se altera com a chegada da menina órfã. Xavier (2005, p. 50) percebe muito bem a situação da governanta quando anota

[...] que Mrs. Oswald, a dama de companhia da baronesa, também sabe agir com astúcia e inteligência. Com a presença de Guiomar, sua situação mudara na residência da baronesa. Antes era a alma da casa. Confidente da baronesa põe-se a seus serviços, a fim de ver concretizado o seu sonho de se casar Jorge e Guiomar.

O que Machado parece querer mostrar é a luta, em parte ideológica e em parte afetiva entre duas personagens socialmente à margem que disputam melhores condições de vida, tendo como mediadora, ainda que inconsciente devido ao coração “ingênuo e liso, sem desvios nem astúcias”, a senhora dona da casa (ASSIS, s/d, p. 17).

Diversamente do que observa o narrador a respeito da baronesa, a figura de Mrs. Oswald apresenta um caráter astuto e perspicaz. Uma vez que seu papel social está aquém do da baronesa, a governanta é moldada pelo meio social marginal a que pertence, adquirindo uma postura calculista que será explorada adiante. Por ora, cabe observar que a inglesa é atenta a todos os pormenores do que acontece ao seu redor. O narrador não deixa escapar que, em determinado momento da luta de Estevão pelo amor de Guiomar,

De todas as pessoas da casa da baronesa, a primeira que reparou na indiferença com que Guiomar tratava Estevão foi Mrs. Oswald. A *sagaz* inglesa afivelou a máscara mais impassível que trouxera das ilhas britânicas e não os perdeu de vista. Nem da primeira nem da segunda vez viu nada mais que os olhos dele, que solicitavam os dela, e os dela que pareciam surdos. (ASSIS, s/d, p. 39, grifo nosso).

Não obstante esse confronto silencioso entre Guiomar e a governanta, o narrador atenta para alguns diálogos esporádicos que são inevitáveis. São eles que acentuam e ilustram uma “guerra fria” cujo objetivo desponta nas personagens o desejo de vitória social. Em momentos como estes ficam frente a frente duas mulheres marginalizadas que desejam, de alguma forma, melhores condições de vida. O conflito se estabelece pelo jogo de palavras que ora apresentam caráter de compaixão, ora apresentam caráter dissimulado.

O que o narrador quer fazer notar, porém, é que o conflito se estabelece, em sua maior parte, num âmbito ideológico em que os gestos expõem, ou pelo menos tentam expor, a agressividade que as palavras, devido à moralidade obrigatória, não podem expressar. Nota-se, no excerto abaixo, a conversa pouco confortável entre a governanta da casa e a afilhada da baronesa. Esse clima, que beira a hostilidade, ilustra o contexto de luta ideológica dos menos favorecidos. Diz o narrador que, após uma alusão de Mrs. Oswald sobre um possível namorado,

[...] as duas ficaram a olhar uma para outra, Guiomar a sorrir, mas de um sorriso, que era uma contração voluntária dos músculos, e a inglesa a fazer um rosto de piedade e adoração, e pena, e muita coisa junta que a moça só começou a compreender quando ela rompeu o silêncio. (ASSIS, s/d, p. 57).

Dado o tom perspicaz e dissimulado dos discursos, a rivalidade entre a Guiomar e a governanta torna-se inescrupulosa e descomedida. Os desejos e interesses, impelidos pela consciência do ser marginalizado, vêm à boca das personagens na forma de discursos apelativos que visam proporcionar a si próprio conforto e melhoria de vida. As medidas tomadas para a concretização desse conforto idealizado variam de astúcia a desespero, num movimento pendular que aos poucos vai corroendo as personagens, pressionando-as a tomar decisões que beiram a falsidade.

Daí observamos a importância das personagens de Luís Alves e Jorge, pretendentes declarados de Guiomar. Embora sejam coadjuvantes dos planos da heroína e da governanta, representam a força social masculina que acarretaria o destaque social aspirado pelas senhoras. O curioso a ser notado é que as mulheres machadianas não almejavam o poder para si mesmas, desejavam apenas, para si, “uma elevação de status” (XAVIER, 2005, p. 25).

Visto isso, a luta de Mrs. Oswald é por meio do casamento de Guiomar com Jorge, enquanto a própria Guiomar luta por seu casamento e ascensão social por meio de Luís

Alves. Ambas personagens reconhecem, a essa altura, o cunho inclemente do favor. O que veem em Jorge e em Luís Alves não é a beleza física ou o reconhecimento por amor, mas um subterfúgio para o alcance da valorização social que lhes proporcionem as vaidades da rua do Ouvidor e o status social que tanto almejam.

1. Dois propósitos, um plano

Dada a proporção da luta pela ascensão social, é relevante observar a situação de Mrs. Oswald no decorrer da execução dos seus planos com Jorge. A governanta não faz pouco caso de nenhum detalhe. Está sempre em guarda e sujeita-se a situações embaraçosas que lhe promovem vantagens, ainda que pequenas, sobre Guiomar.

O que chama atenção é o fervor com que Mrs. Oswald se empenha na luta para que Jorge seja o único pretendente de Guiomar. Podemos observar, nesse ponto, certa preocupação da personagem no que diz respeito à garantia do favor que lhe presta a baronesa. Tendo conhecimento do desejo da senhora de casar o sobrinho, Jorge, com Guiomar, Mrs. Oswald apela de forma imoderada para a reafirmação de sua utilidade enquanto governanta da casa. Dizemos imoderada porque os limites para que o propósito da baronesa seja alcançado parece não existir para a governanta.

Embora os interesses de Guiomar e Mrs. Oswald difiram, o caminho a ser trilhado para obter êxito é o mesmo. Isso posto, a personagem da baronesa recebe atenção que ultrapassa a simples preocupação e passa a ser descomedida e adulatoria. Participante curioso do esquema narrativo, percebe-se que o que narrador diz sobre Estevão reflete na persona da governanta. Observa o narrador que Estevão “[...] não era abastado para pagar o luxo de uma opinião lírica; nascera pobre e não tinha parente em boa posição [...]” (ASSIS, s/d, p. 22). O “nacer pobre” justifica que o conforto proporcionado à Mrs. Oswald, pela mão da baronesa, deve-se não a sua posição social, mas sim por estar sob a guarda de um grande.

À vista disso, nota-se o declínio da consciência da personagem enquanto ser social. A governanta da casa não apenas deixa de ser a alma da casa como também é deixada em segundo plano no papel de confidente que desempenhava no lar. Com efeito, observa-se certa fidelidade canina no convívio social entre a baronesa e a governanta da casa. Seus discursos são diretos e impregnados de bajulação exagerada. A consciência marginalizada se mostra, como já dito, de forma dissimulada e sem pudor, tendo sempre em vista o olhar do favorecido ante o contexto imparcial entre burgueses e homens livres.

É nesse sentido que observamos a máxima do discurso da governanta que se resume em deixar claro sua gratidão e desvelo adotando um discurso moral e gratificante. Veja-se que ela continuamente lembra que “Pela minha parte, oxalá que pudesse contribuir para a completa felicidade desta família, a quem devo tantos e tamanhos benefícios”. (ASSIS, s/d p. 30). Observa-se, nesse ponto, a anulação do ser marginalizado em detrimento do senhor. A consciência do ser que se abriga no favor o impele, mesmo que inconscientemente, a abdicar-se de seus desejos e suas vontades, causando certo pensamento de obrigação ética com quem o recebeu, proferindo palavras com segurança necessária para serenar o ânimo do senhor (ASSIS, s/d, p.32).

2.O tempo como ratificação do fracasso

É inevitável ler o romance *A Mão e a Luva* despercebido do fato da enorme ociosidade em que vivem as personagens. A vida social das mulheres neste romance é estagnada e, salvo alguns bailes à noite, beira o marasmo. Há, nesse ponto, inegável correlação no que se refere ao poder social atribuído à mulher e suas funções ideológicas de dona de casa. Observando os apontamentos de Xavier (2005, p. 22), o traço de mudança entre o papel social feminino oitocentista e o contemporâneo é evidente, porém o preconceito e a discriminação contra a capacidade de atuação feminina ainda não concebe, mesmo hoje, a mulher como independente e capacitada.

Por essa linha de raciocínio, as três personagens femininas de destaque em *A mão e a Luva* não fogem do padrão segregado da época oitocentista. Acordam tarde, passeiam à beça, almoçam despreocupadamente e tornam a matar tempo. Focando o olhar na governanta da casa, observamos ser Mrs. Oswald o tipo de mulher criada pelo patriarcalismo, estando fadada ao convívio do lar e vivendo de favor sob a guarda da protetora.

Tendo em vista a situação das heroínas de Machado, Xavier (2005, p. 31) anota que

Um estudo da mulher machadiana, incluindo sua vida pública e privada, mostra que ela não desempenhou nenhum papel econômico e social, tendo sido igualmente isenta de qualquer poder político. Como a mulher tradicional, ela era submissa e passiva diante do mundo, achando que as tomadas de decisões públicas, a participação na economia e política eram tarefas mais adequadas aos homens. As mulheres deveriam ser esposas e mães em tempo integral e dedicação exclusiva, enquanto os homens poderiam ter uma gama variada de atividades.

É pertinente observar que as principais personagens femininas de Machado adotam essa postura descrita por Xavier, subentendendo-se a menos valia que acometia as mulheres que viviam de favor. Longe de exercer qualquer tipo de atividade social, confinam-se em casas alheias despidas de qualquer resquício de poder que, porventura, teriam.

O tom de menosprezo às mulheres que viviam de favor só fica evidente quando se percebe, no ser feminino, a inadmissível prática social extra lar, rebaixando, por consequência, ainda mais as mulheres que não governavam suas próprias casas e viviam de favor mesmo sob o disfarce de empregado. Por essa linha de raciocínio, o que observamos em Mrs. Oswald é situação vexatória que a desqualifica socialmente, tornando-a dispensável para qualquer atividade que poderia vir a desempenhar.

No capítulo “Latent Anguis”, é pertinente observar o quão nulo é a função que desempenha a governanta da casa. Constatando a inabitual demora para a chegada do passeio da Baronesa, Mrs. Oswald, ao ver a senhora entrando pelo jardim diz “- São nove horas! Disse de longe a inglesa; pensei que hoje não queriam voltar para casa. O calor está forte; e a senhora baronesa sabe que não é conveniente expor-se aos ardores do sol, sobretudo neste tempo de epidemias” (ASSIS, s/d, p. 30). É mister observar, nesse excerto, que Mrs. Oswald desempenha a função de governanta da casa de modo pertinente. Ela percebe o atraso, expõe sua opinião quando diz “pensei que hoje não queriam voltar pra casa”, e, por fim, expressa sua preocupação ao aconselhar que “não é conveniente expor-se aos ardores do sol, sobretudo neste tempo de epidemia”.

Num primeiro momento, podemos detectar a preocupação que tem a empregada de cumprir seu papel social de governanta da casa. O que Machado expõe, porém, sem pudor algum, é o reconhecimento da irrelevância inconsciente. O que diz a baronesa a seguir revigora o olhar marginal sobre a personagem, contrastando a importância que Mrs. Oswald dá ao seu discurso com a pouca importância das personagens perante os olhos da senhora. Observamos que a resposta da Baronesa foi:

- Tens razão Mrs. Oswald; mas Guiomar tardou hoje tanto em ir buscar-me, que o passeio começou tarde.
- Por que não mandou me chamar?
- Estava talvez a dormir, ou entretida com seu Walter Scott...
- Milton, emendou gravemente a inglesa; esta manhã foi dedicada a Milton. Que imenso poeta, D. Guiomar?. (ASSIS, s/d, p. 30).

Ora, tendo em vista o fracasso na tentativa de demonstrar importância no papel de governanta que desempenha Mrs. Oswald, não podemos deixar de rascunhar certo ateísmo quando o narrador diz ser, Mrs. Oswald, a *governanta* da casa. Constata-se, ao logo do romance, a inatividade da personagem que apenas ocupa-se com a leitura e com conversas às escondidas. Por esse ponto de vista, a condição de vivência e sustento da casa depende única exclusivamente da Baronesa, restando à Mrs. Oswald somente o título de governanta, soando de forma afetiva apenas para reбуçar sua total falta de importância no meio em que vive. O tempo parece ser, portanto, um marcador impiedoso que impõe na personagem de Mrs. Oswald a consciência da ociosidade. E é este tempo que minguia a cada momento, a cada segundo que passa, a possibilidade de concretização de um plano ou sonho de vida melhor.

3.A Marginal do marginal

Não obstante a evidente reclusão no meio familiar que se encontra, o narrador anota, sem recato algum, a consciência da menos valia da governanta por parte das outras personagens. O que veremos no excerto a seguir é a percepção de Guiomar no que se refere a diferença dos níveis do favor. Observe que, em determinado momento, ao perceber o interesse de Estevão por Guiomar, numa de suas conversas por cima do muro, a inglesa alfineta: “Por ele [Jacó], as moças andavam por cima da cerca” (Assis, s/d, p. 41). A reação de Guiomar ao disparate da inglesa é curiosa e interessante:

Guiomar corara deveras; mas era a altivez e o pundonor ofendido que lhe faltavam no rosto. Olhou fria e longamente para a inglesa, com um desses olhares, que são, por assim dizer, um gesto da alma indignada. O que a irritava não era a alusão, que não valia muito, era a pessoa que a fazia, - inferior e mercenária. Mrs. Oswald percebeu isto mesmo; mordeu a ponta do lábio mas transigiu com a cabeça. (ASSIS, s/d, p. 41).

Ora, o tom de desprezo adquirido por Guiomar nos dá o tom do grau de marginalização social que tem Mrs. Oswald. Sendo a figura feminina um autoexemplo de marginália, temos, dentro dessa, criando uma subcamada marginal: *a marginalização do marginal*. Isto acontece que porque a personagem de Mrs. Oswald pertence a primeira classe marginal, a classe das mulheres, e pertence também, subjacentemente, à classe dos homens livres que viviam de favor. O que pondera Guiomar quando diz ser a governanta inferior, é a personagem intrusa, sem moral ou ética alguma que favoreça e subsidie seu discurso. Mete-se em assuntos da família, que bem lembra Guiomar, não tem nada a ver.

Vive de favor, desempenha atividades pífias de pouco valor, e pessoas dependentes tentam causar, na pessoa que os favorece, boas impressões para que se sintam importantes e necessários.

É válido ressaltar que a condição inferior da governanta da casa é reafirmada a cada instante. O narrador não deixa dúvidas, em nenhum momento, sobre o valor das opiniões de Guiomar em contraste com as de Mrs. Oswald. O leitor tem ciência desde o início da leitura que “[...]a condição da inglesa naquela casa era relativamente inferior [...]” (ASSIS, s/d, p. 56). Por consequência desta afirmação, a governanta se encontra, por várias vezes, em situações desagradáveis que a obrigam se precaver com cautela adotando um discurso defensivo para justificar suas ações pouco conservadoras. De fato, a dúvida posta sobre a necessidade de sua presença é tamanha que ela, por vezes, faz gestos e caras numa mescla de piedade, adoração, pena e, como diz o narrador “muita coisa junta” (ASSIS, s/d, p. 57).

Tomamos como exemplo o trecho a seguir. Em uma conversa em que tenta persuadir, afetivamente, que Guiomar case-se com Jorge, o narrador anota que “[...] Mrs. Oswald não falou logo; era *razoável* hesitar um pouco, lutar consigo mesma, antes de dizer alguma coisa. Enfim, com um movimento de quem ajunta as forças todas e as emprega em coisa superior à coragem usual: [...]” (ASSIS, s/d, p. 57, grifo nosso).

O que enxergamos claramente no trecho acima é a necessidade de atuação no comportamento da governanta. Ela não responde logo, pois lhe parece *razoável* hesitar um pouco. Ela precisa hesitar, precisa *parecer* lutar consigo mesma a fim de criar ilusão de que não falaria o que estava para falar não fosse a importância vital do assunto a ser tratado. Então a governanta opta por esperar alguns momentos para responder e antes de fazê-lo encena um esforço sobre-humano que ilustra sua frustração, mascarada, por quebrar o sigilo da informação a ser dada. A personagem parece querer com isso, em primeiro lugar, mostra sua retidão de caráter, demonstrando imenso receio no que está para falar, uma vez que seu discurso pode quebrar o sigilo da informação a ela confiada, e, em segundo lugar, exacerbar a coragem que a governanta dispõe ao submeter-se à quebra de sigilo quando dá a informação.

Dado o conjunto de ações e falas da personagem, percebemos que o mecanismo que antepara as ações da personagem é o favor. Ele é o responsável tanto pela cautela camuflada da governanta quanto pela coragem dissimulada que esta emprega em determinados momentos. E esta cautela é metafórica pelo próprio narrador quando diz

que Guiomar, em determinado momento, “ficou ali sentada ao pé da cama, a ouvir o passo surdo, e *cauteloso* da inglesa” (ASSIS, s/d, p. 59, grifo nosso).

Por essa linha de raciocínio, a personagem é a principal causadora de discórdia no lar e, ao mesmo tempo, tenta mostrar-se fiel tanto com a baronesa, que lhe guarda sob o favor, quanto à Guiomar, a protegida da senhora. É preciso ressaltar, porém, que a fidelidade da governanta é irrefutável quando se trata da baronesa, sendo, portanto, cabível de divergência quando se trata dos desejos da senhora em comparação com os de Guiomar. Doravante este ponto de vista, o jogo arquitetado por Jorge e Mrs. Oswald para casá-lo com Guiomar parece firmar-se apenas no propósito de fidelidade e gratidão que a governanta sente pela senhora. E ela assim o faz porque sente necessidade de retribuir à senhora os bons tratos acarretados pela dependência do favor. Dessa forma, arquiteta um plano, pois “era bastante experiente, de balde seriam seus protestos, a baronesa já aceitara a situação. A felicidade de Guiomar estava acima de suas preferências” (XAVIER, 2005, p. 51).

A princípio, o propósito do plano de Mrs. Oswald fica claro: ela almeja a maior felicidade da baronesa por meio da concretização de um casamento entre Guiomar e Jorge. Porém, concomitantemente ao propósito original do plano de realizar o maior desejo da baronesa, surge uma possível interpretação no que se refere a sagacidade da personagem tanto notada pelo narrador.

Constata-se, em primeira mão, que a personagem tenta manter boas relações com a patroa e sua protegida, mas busca de forma quase imperceptível ascender socialmente através de um suposto casamento entre Guiomar e Jorge. Ora, é valioso observar que Mrs. Oswald anseia uma possível união matrimonial entre Jorge e Guiomar, pois, “[...] embora excluída de poder, poderia estar mais próxima dele que muitos homens, como esposa, irmã [...]” (XAVIER, p. 38) e, no caso da governanta, simplesmente amiga confiante de Jorge.

Sobre essa ideia egoísta da personagem. Xavier (2005, p. 68) aponta que

O egoísmo das figuras femininas de Machado de Assis está intrinsicamente ligado à luta de querer elevar-se, à ambição da mulher, muitas vezes vinda do meio humilde, de fixar-se na burguesia. Daí o egoísmo também direcionar os casamentos, muitas vezes pragmáticas e decididos futilmente, mas estritamente indispensáveis à realização plena da mulher. Nesse ponto, vêem-se obedecidos os cânones do patriarcalismo; vêem-se estampadas as aspirações da mulher tradicional e, mesmo, de muitas mulheres modernas.

O que se observa no trecho acima é a luta entre o altruísmo e o egoísmo. Mrs. Oswald dispõe-se ao embate direto com Guiomar para a felicidade futura da baronesa. Dessa forma, não considera os desejos e sentimentos de Guiomar, mas tenta moldá-la para que os sentimentos da senhora sejam atendidos. Ainda por essa linha de pensamento, resguarda para si a esperança, ainda que míngua, de alcançar um grau mais elevado na pirâmide social. O narrador corrobora essa ideia ao anotar que, em determinado momento, “Mrs. Oswald, sabedora daqueles secretos desejos e mais ou menos confidente dos sentimentos de Jorge, achara azada ocasião esta para patentear toda a gratidão de que estava possuída e a profunda amizade que a ligava à família da baronesa” (ASSIS, s/d, p. 69). Ainda mais pertinente o decorrer da conversação. Nota-se o interesse claro de benefício direto da governanta quando o narrador anota:

Interpor-se para servir aos outros, e mais ainda a si própria. Viu a dificuldade, mas não desanimou; era preciso armar ao reconhecimento da baronesa. Por isso não hesitou em confiar a Guiomar o desejo da madrinha, exagerando-o, entretanto, porque nunca a baronesa dissera que “tal casamento era sua campanha”, e Mrs. Oswald atribui-lhe esta frase mortal para todas as esperanças e sonhos da moça. Mas, se falava demasiado ao pé de uma, era muito sóbria de palavras com a outra, e da exageração ou da atenuação da verdade resultara aquele perene estado de luta abafada de receios, de indecisão e de amarguras secretas. Convém dizer, para dar o último traço ao perfil, que esta Mrs. Oswald não seguia só a voz do seu interesse pessoal, mas também o impulso do próprio gênio, amigo de pôr à prova a natural sagacidade, de tentar e levar a cabo uma destas operações delicadas e difíceis, de maneira que, houvesse uma diplomacia doméstica – ou se se criassem cargos para ela, Mrs. Oswald podia contar com um lugar de embaixatriz. (ASSIS, s/d, p. 69).

É em virtude desse anseio de ascensão social e pela necessidade de agradar a baronesa que as preocupações da governanta percorrem uma via de mão dupla. De um lado, o favor a impele agir para retribuir a gratidão da baronesa ao recebê-la em casa, do outro, existe a possibilidade de que a possível união matrimonial de Jorge e Guiomar venha lhe beneficiar, podendo, esporadicamente, elevar sua posição social. O narrador onisciente acrescenta ainda que, uma vez concretizados seus planos, não seria mais governanta, mas embaixatriz, sendo, este cargo, fruto de “uma diplomacia doméstica”.

Convém observar, porém, que o anseio de Mrs. Oswald é frustrado pela lógica impiedosa do favor. Suas razões e seus desejos pouco interessam e o rumo da história converge para a aniquilação total de suas ambições. Embora o “pé cauteloso da governanta” simule o tom perspicaz e melindroso da personagem, a imagem de sagacidade é desconstruída de forma a inserir na personagem um caráter natural de fracasso. É o próprio narrador que objeta o tom sagaz da personagem quando narra que

[...] Mrs. Oswald temia ver surgir a cada passo um novo inimigo emboscado em algum teatro ou baile, ou quando menos na rua do Ouvidor, e não via que o inimigo novo podia ser que estivesse literalmente ao pé da porta. A sagacidade da inglesa desta vez foi um tanto míope. (ASSIS, s/d, p. 73).

A partir dessa falha na percepção da governanta, os projetos que outrora exequíveis passam a ser insensatos e audaciosos. O narrador também percebe tal ousadia e comenta tal arrojo quando relata que “[...]Mrs. Oswald concebeu então um projeto insensato, que lhe pareceu aliás excelente e de bom aviso. O desejo de servir a baronesa e levar uma ideia ao fim tapou-lhe os olhos da razão [...]” (ASSIS, s/d, p. 78).

A insensatez a qual refere-se o narrador é nítida. A possibilidade de a baronesa abrir mão de seu sonho de velhice para concretizar a felicidade da afilhada era não apenas grande como plausível. A afilhada era seu maior tesouro. A falha no plano se dá, justamente, pela perspectiva da governanta que vive do favor. É pertinente observar que

A inglesa expôs um plano completo que o sobrinho da baronesa ouviu um tanto perplexo. O plano consistia em ir Jorge pedir a moça à baronesa, em presença dela própria. A baronesa, que nutria o desejo de os ver casados, não deixaria de fazer pesar seu voto na balança, e era muito difícil que a gratidão de Guiomar não decidisse em favor de Jorge. (ASSIS, s/d, p. 78).

O que determina o malogro dos intentos da governanta é o erro de colocar-se à mesma altura social de Guiomar. Por essa linha de pensamento, Mrs. Oswald acredita no sucesso do seu plano pois enxerga, erroneamente, na personagem de Guiomar seu reflexo. Sua aposta está, como diz o narrador, no reconhecimento da gratidão que Guiomar teria em relação à baronesa e ela, Mrs. Oswald, não cogita em nenhum momento a possibilidade de um suposto egoísmo de Guiomar no que esse refere aos desejos da baronesa. E veja-se que os pensamentos de Guiomar são angustiantes. A personagem mesma percebe que “[...] o tempo que lhe deixavam para refletir era-o realmente para considerar, sozinha consigo, na necessidade de pagar os benefícios que recebera” (ASSIS, s/d, p. 85).

De fato, Mrs. Oswald parece estar resolvida do êxito de seu plano. Adota um tom incontestável quando a baronesa lhe vem confidenciar as suspeitas do suposto amor entre Luís Alves e Guiomar. Após ouvir as declarações da baronesa “Mrs. Oswald calou-se como quem *refletia*. Logo depois expos uma série de argumentos e considerações [...]. Toda ela dava ares de um argumento vivo e sem réplica” (ASSIS, s/d, p. 87, grifo nosso).

O que vemos aqui é a erupção de algumas características que formam o caráter dos homens livres. Num primeiro momento a inglesa reflete, ainda que esta reflexão seja apenas aparente, demonstrando considerar o que dizia a senhora. Num segundo momento, argumenta, mostrando-se útil para as supostas definições no curso dos acontecimentos. E, em última instância, abusa do discurso sofista que a ampara e, concomitantemente, promove sua ascensão social.

Como ricochete desse plano, à primeira vista indubitável, a governanta cria expectativas de que “[...]nada estava perdido, e que a felicidade de Jorge era coisa não só possível, mas até provável, uma vez que a baronesa mostrasse –era o essencial- certa resolução de ânimo muito útil e até indispensável naquela ocasião” (ASSIS, p. 87). O que veremos no trecho a seguir é a maneira com que Guiomar dribla o audacioso plano da baronesa. O que Mrs. Oswald não espera é o tom afetuosamente dissimulado usado por Guiomar que refletirá, mais tarde, na determinação da baronesa de deixar nas mãos de Guiomar as decisões que decidirão seu futuro.

Conta o narrador que, numa conversa entre Guiomar e a baronesa,

Ambas estavam comovidas; e Guiomar de envolta com um suspiro, murmurou este único e doce nome:

-Mamãe!

Era a primeira vez que ela lhe dava este nome, e tão fundo lhe calou na alma à baronesa que a resposta foi cobri-la de beijos. (ASSIS, s/d, p. 89).

Ora, percebemos que o momento é propício para Guiomar chamar, pela primeira vez, a baronesa de “mamãe”. Ademais, o apelo emotivo é ainda maior quando o vocábulo mãe, carinhoso por si só, é usado de maneira extremamente afetuosa. Guiomar não diz “mãe”; para ela o impacto da palavra não é forte o suficiente para “calar na alma da baronesa”. Dessa forma, constrói um discurso apelativo/emotivo que elimina os últimos resquícios de resistência que por ventura poderia demonstrar a baronesa em relação ao seu casamento com Jorge.

O favor, em Guiomar, diferente do que se apresenta para Mrs. Oswald, é a mola que a impele para a ascensão social. E Guiomar se aproveita, por meio da afeição furtiva, para subir os degraus da escala social arraigada a um pensamento egoísta que não reconhece, no favor, necessidade de retribuição ao senhor.

Uma careta à guisa de conclusão

Ainda que pertencente à um contexto familiar, a reclusão de Mrs. Oswald permeia todo o enredo de *A Mão e a Luva*. Observa-se, no excerto a seguir que

[...]Guiomar arrastou a cadeira que ficava mais próxima e sentou-se ao pé da baronesa. Esta, entretanto, havia dobrado lentamente a carta, e tinha os olhos no chão, como a procurar por onde começaria. Quando os levantou deu com a inglesa. Ia já falar, mas estacou. A afeição que lhe tinha não impediu que achasse demasiada familiaridade a presença de Mrs. Oswald em semelhante ocasião. Esperou alguns instantes; mas como a inglesa parecesse totalmente distraída:

- Mrs. Oswald, disse a baronesa, vá ver se já deram de comer aos passarinhos.

A inglesa percebeu que estes passarinhos, naquele caso, eram uma pura metáfora, e que a baronesa nada mais fazia do que pedir-lhe educadamente que fosse embora. Todavia, não se deu por achada.

- Parece-me que não, disse ela; vou já saber disso.

- Olhe, disse a baronesa quando ela já ia a meio caminho; encoste-me essas portas, e dê ordem para que ninguém nos interrompa. (ASSIS, s/d, p. 88).

Ora, a riqueza de detalhes no excerto acima é o ápice da reclusão da personagem de Mrs. Oswald. Observando os apontamentos de Xavier (2005), que atribui às personagens femininas de Machado a ideia de tempo desperdiçado e ações pouco relevantes, a personagem da governanta é reafirmada na sua insignificância quando a baronesa pede que vá ver se já deram de comer aos passarinhos. A própria personagem percebe o eufemismo usado pela baronesa que não quer dizer, *a grosso modo*, que saia da sala. Não obstante a falta de importância que lhe é atribuída, a baronesa agora lhe encarga de encostar as portas e dar ordem para que ninguém interrompa a conversa entre si e Guiomar. Ora, o que soa de modo irônico é o fato da inglesa ter que desempenhar suas funções de governanta, não por necessidade, uma vez que nunca o tinha feito, mas para assegurar o sigilo da conversa entre as duas pessoas cujas opiniões realmente significavam.

À vista disso, o narrador atenta para a consciência marginal da personagem quando aponta que “[...]a inglesa obedeceu e saiu. A careta que fez ao sair ninguém lhe pode ver, e não se perdeu nada” (ASSIS, s/d, p. 89). Mrs. Oswald reconhece seu lugar social. A careta que fez a governanta é uma forma de expressar o silêncio fundante que depende do papel ideológico e social que a personagem ocupa⁴. Dessa forma, a careta de

⁴ Eni Puccinelli Orlandi (2007), afirma que o silêncio fundante está ligado ao discurso ou às ações quando diz que “Para o implícito assim definido, o recorte que se faz entre o dito e o não dito é o que se faz entre significação atestada e significação manifesta: o não dito remete ao dito”. Ora, a significação manifesta está na careta de Mrs. Oswald, e suas opiniões vergonhas, ideológica, consciência e tudo o mais que forma seu caráter. Embora o narrador diga que ninguém viu e nada se perdeu, o leitor concebe a ideia de pouca satisfação de Mrs. Oswald quando este descreve a careta da governanta.

Mrs. Oswald evoca não só toda a história, mas também o discurso dos menos favorecidos que são repassados ao longo da trajetória dos homens que viviam do favor. É essa forma de “dizer sem dizer nada” que marca a consciência de ser marginal e que reafirma os dados sócio históricos de subserviência do homem livre. Visto isso, o resultado de todas as tramas da governanta não pode ser outro que não o fracasso.

Nesse ponto, percebemos o favor em duas medidas. Em Guiomar que descobre, através do apelo emotivo e dissimulado, como pertencer à alta sociedade casando-se com Luís Alves, e em Mrs. Oswald que fica à sombra da senhora corroborando, nas palavras de Roberto Reis (1987), a ideologia circular da permanência dos pertencentes à nebulosa.

O que pondera o teórico, refletido em Mrs. Oswald, não é apenas a luta fadada ao fracasso, mas, também, o pensamento constante da vida frustrada. E ela expressa essa consciência frustrante através de caretas que, como bem lembra o narrador, ninguém percebe. À vista disso, a personagem da governanta corrobora a insignificância do homem livre e a marginalização do marginal que resulta na menos valia da personagem. Por conseguinte ao insucesso de ser uma personagem socialmente ativa, Mrs. Oswald segue o curso das mulheres oitocentistas, empenhando-se para, nas palavras de Xavier (2005, p. 38), tornar-se menor perpétuo sob a lei.

Referências

CANDIDO, Antonio. A dialética da malandragem. São Paulo. In: *Revista do Instituto de estudos brasileiros*, nº 8, São Paulo, USP, 1970.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

KOLLANTAI, Alexandra. *A mulher e a moral sexual*. São Paulo: Editora Parma Ltda, 1978.

MACHADO DE ASSIS. *A mão e a luva*. 2. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, s/d.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

REIS, Roberto. *A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro*. Niterói: EDUFF; Brasília: INL, 1987.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

XAVIER, Therezinha Mucci. *A personagem feminina no romance de Machado de Assis*. 2. ed. Prefácio de Gilberto Mendonça Teles. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2005.

_____. *Verso e reverso do favor no romance de Machado de Assis*. Viçosa-MG: UFV, 1994.